

A Filosofia Clássica e o Problema Do Conhecimento: Breve Apontamento Sobre o Conhecimento Sensível e Intelectível

Classical Philosophy and the Knowledge Problem: Quick Pointing About Knowledge Sensitive And Intelectível

Edson de Sousa Brito¹

Resumo: O texto desenvolve a temática sobre o problema do conhecimento frente a transição do mito à razão. Tem por objetivo tratar de pontos relativos ao pensamento das escolas antigas quanto a possibilidade de conhecer do homem mediante seus sentidos e razão. O problema tratado está em relação à postura dos pensadores frente ao conhecimento sensível e sua relação com o conhecimento intelectual. A metodologia pesquisa bibliográfica mediante a análise de textos filosóficos. Por fim trata-se do conhecimento do ponto de vista dos sofistas.

Palavra-chave: Conhecimento sensível; conhecimento racional; pré-socráticos; sofistas.

Abstract: the text develops the theme about the problem of knowledge forward to transition from myth to reason. Aims to take care of points relating to the old-school thinking about the possibility of meeting the man through his senses and reason. The problem is treated in relation to the posture of thinkers outside the sensitive knowledge and your choice with the intelectual knowledge. The bibliographical research methodology through the analysis of philosophical texts. Finally this is the knowledge from the point of view of the Sophists.

Keywords: knowledge susceptible; rational knowledge; presocratic; sophists.

Introdução

A história da filosofia inicia seus estudos quanto ao problema do conhecimento. Em seus primeiros movimentos, na tarefa de ler (diga-se entender) a realidade, o filósofo se depara com a possibilidade de saber racionalmente o que são as coisas. O problema fundamental no primórdio dos estudos filosóficos aqui é eleito em torno dos elementos. Qual o primeiro elemento de todos?

Saber por que os pré-socráticos se voltam para a natureza não é tarefa difícil. Neste voltar para a natureza há a aceitação da primeira possibilidade de conhecer que se dá pelos sentidos. Ao observar a natureza esses filósofos elegem elementos

¹ Professor da Universidade Federal de Goiás- UAE/EDU – REJ. Doutor em Educação pela PUC-GO. Mestre em Filosofia pela UFG. Filósofo. E-mail: edsonbrito@ufg.br.

sensíveis como primeiro elemento universal (água, fogo etc) Mais tarde, Aristóteles ao estudar esses primeiros filósofos, defende a possibilidade do conhecimento sensível, diferentemente de seu mestre que negava essa possibilidade defendendo o conhecimento racional.

Os pré-socráticos ao utilizar do conhecimento sensível via ali uma porta para que o conhecimento do mundo e/ou da realidade fosse possível. Quando, por exemplo, Tales de Mileto falava do primeiro elemento como sendo a água ela não estava se referindo à água pura e simplesmente, mais a uma substância universal que se comparasse à água. Rubem Alves (2002) em seu livro *Filosofia da Ciência entende* esse primeiro elemento como *suco universal*, de forma que indica a sua não equivalência com o água que é vista pelos nossos sentidos. O conhecimento de suposta substância só foi possível pela razão, segunda fonte do conhecimento humano.

O primeiro passo para a possibilidade de conhecer se deu pela sensações (ou seja, a observação da natureza). Porém deve-se entender também que ali já estava presente, em especial, a razão pois no conhecimento do primeiro elemento está claro a necessidade da especulação. Da pergunta sobre qual seria o primeiro elemento, do qual emanava todas as coisas a resposta, possivelmente, não seria algo que estaria entre nós, no mundo sensível, mas os primeiros filósofos sabiam que poderia se encontrar pistas desse suposto primeiro elemento entre as coisas. (ANTISERI; REALE, 1990)

Porém Anaximandro teve uma intuição mais afinada quanto as supostas características desse primeiro elemento. Esse primeiro elemento não teria características definidas por sua própria natureza. Para Parmênides o primeiro elemento não poderia ser definido, sendo chamado assim de *apeiron*, ou seja, algo inexperiência do, ilimitado e que não poderia ser nominado. Tendo em vista essa não possibilidade de sensação, ele deveria ser conhecido de outra forma. Esse elemento só poderia se conhecido pela via racional.

O não ‘experienciável’ é todo conhecimento que se tem a possibilidade de obter e que não passa pelos sentidos como audição, tato, visão, paladar e olfato. O que não é experienciável, só pode estar no mundo não (ou além do) físico, ou seja, para os primeiros filósofos gregos esse conhecimento está presente no mundo metafísico.

O conhecimento ou o processo de conhecer se dá por dois caminhos no mundo grego. Por esses dois caminhos se pretende conhecer a realidade do ser, ou seja, pretende-se saber o que vem a ser o *ser*. Esses dois caminhos traz a perspectiva de duas possíveis características *Dele*, a saber, se Ele é móvel ou imóvel. O primeiro se

relaciona com o movimento, a dinâmica, a fluidez, e o outro com o não movimento a possibilidade do conhecer estático, aquele que é desde sempre e que não muda. O saber é móvel ou estático ou em outras palavras, o conhecimento é um saber universal e permanente ou é algo que está em constante mudança e aperfeiçoamentos? Acredito que para os gregos a possibilidade de conhecer estava atrelada ao problema do conhecer a partir da perspectiva da limitação corpo humano. Saber o que é o corpo é saber se ele tem autonomia ou não na construção ou elaboração do conhecimento. (CHAUI, 2002)

Para que o corpo possa conhecer o mundo e/ou a realidade ele utiliza primeiramente de suas sensações. Nesta perspectiva só se é possível conhecer algo se ela for capaz de ser percebida a partir de um dos sentidos. Os sentidos são os meios pelos quais podemos nos conectar ao mundo. É a partir do resultado da interação dos sentidos com o mundo que são constituídos os conhecimentos que nos possibilitam a vivência neste mundo de forma segura. O problema é que esse conhecimento não é suficiente, pois segundo Platão os conhecimentos sensíveis são causa de erro e engano.

Para os pré-socráticos o problema do conhecimento quanto a natureza do ser é mais evidente. Heráclito ao buscar o primeiro elemento afirma que sua natureza é de constante movimento. Já para Anaximandro esse primeiro elemento não tem movimento pois ele é estático. (ANTISERI; REALE, 1990.)

Platão assume uma difícil tarefa dos filósofos anteriores a ele. Os pré-socráticos, em determinado ponto de seus estudos, se dividiram em duas posições frente ao conhecimento do mundo e do ser. Para um grupo o mundo, seu objeto de estudo, se apresentava como algo imóvel, não mutável. Isso trazia a possibilidade de que o conhecimento deste mundo era possível mediante o estudo das características imutáveis do mundo. Esse conhecimento tem por natureza uma metodologia de abordagem racionalista. O resultado dessa busca será que um conhecimento que se apresenta como ideia. (MONDIN, 1980)

A outra possibilidade de leitura do mundo se apresenta diante da perspectiva do movimento, da dinâmica ou do vir-a-ser. Para esse segundo grupos de pensadores pré-socráticos o mundo estava em constante movimento de forma que conhecê-lo seria possível mediante uma abordagem que considerasse o ser em movimento constante.

O que consiste em considerar esse movimento ou não do ser. A nosso ver os pré-socráticos já elegeram duas características importante do conhecimento, a saber, que ele está em constante movimento e que ele está em absoluto repouso. O Ser e as coisas

são dinâmicos ou estáticos? O que é o ser e o que é o mundo? Essas são perguntas que forma a herança do problema filosófico de Platão.

Tendo a possibilidade de se apresentar um exemplo do que se trata neste momento do texto, pode-se tratar desta diferença quando se compara dois termos da filosofia: conceito e ideia. O conceito é um conhecimento que trata de afirmar o que determinando ser é mediante análises e observações que o sujeito elabora e que geralmente tem carácter dinâmico, não conclusivo, mas sempre aproximativo da verdade que o mesmo afirma. O conceito está na ordem das coisas das quais trata a filosofia analítica. O outro termo é a ideia que se caracteriza, na filosofia de Platão, pela contemplação de algo que somente a razão pode alcançar. Uma ideia não é construída no exercício de apreendê-la, ela é descoberta e desta forma a sua existência não depende do sujeito. Essa teoria, afirma que a ideia por si só é verdadeira e válida. A ideia está no âmbito das coisas de que trata a filosofia especulativa.

Platão quando encara o problema do conhecimento do mundo e da realidade enfrenta outro problema: O homem pode conhecer? O que se pode conhecer? Esse conhecimento é verdadeiro? Quais impeditivos para o êxito neste processo de conhecimento? Como explicar essas duas características do ser (móvel e imóvel?) (PLATÃO, 1993)

Vamos supor a possibilidade de tratar da ideia de verdade. A verdade é um conhecimento completo ou em construção? Quando se fala que a ideia está em construção, é porque esse conhecimento não é definitivo. Esse conhecimento, como é entendido hoje, é um conhecimento que vem sendo construído e ele é dado por aproximação. Quando eu digo que um conhecimento é móvel não se pode aceitá-lo como pronto e definitivo, mas sempre dinâmico. Quando se diz que ele é imóvel, é o contrario, e afirmo que este conhecimento é pronto e acabado, não sendo possível levantamento de questionamento quanto a sua verdade e validade. Esse conhecimento tem a característica de serem iguais ontem, hoje e sempre, pois a coisa mesma não muda.

Como Platão, por exemplo, resolve o problema desse conhecimento da realidade móvel e imóvel? Entendendo que há mais de uma forma de conhecimento, esse filósofo irá defender que há dois possíveis objetos ou mundos que podem ser conhecidos. O primeiro deles é o mundo sensível (ou mundo das sombras) que pode ser percebido pelas sensações. O segundo é o mundo intelectível (ou mundo das ideias) que só pode ser conhecido pela razão. O primeiro mundo por ser conhecido pelos sentidos

sendo ele de menor valor, pois o conhecimento dele produzido é móvel pela sua natureza mutável. O segundo só pode ser conhecido pela razão e tem maior valor, pois seu conhecimento é imutável. (PLATÃO, 1993)

Para melhor entender isso vamos pensar no seguinte exemplo, o conceito de propriedade: há uma discussão desse conceito se ele é natural ou não. O que é natural? Entende-se que o conhecimento natural é algo que é desde sempre. Exemplo que aqui se pode dar é o conceito de propriedade. O conceito de propriedade do ponto de vista das ciências jurídicas é um conceito importante para a sociedade, e tendo em vista a sua função social ele não muda. O conceito de propriedade se perpetua. Atualmente pode haver alguma interpretação, alguma mudança na forma de abordar ou de aplicar o conceito, mas sobre o conceito do que vem a ser a propriedade, não houve mudanças. Pode-se dizer que houve muitos querendo questionar a legitimidade da propriedade, mas ela de fato é o que é. Poderíamos considerar que esse conceito está relacionado a uma ideia imutável de propriedade.

O que é o conhecimento móvel? O que o aluno aprende em sua escola pode ser considerado um conhecimento imóvel de forma que este saber durará para sempre? O conhecimento do acadêmico de um curso de Graduação pode ter certeza de que tudo o que ele aprendeu na universidade não mudará? Caso afirmem que o conhecimento é móvel e que não muda, trará uma certa confusão ao estudante, pois para este o conhecimento é mutável e dinâmico por sua própria natureza científica. Se alguma ciência afirmar que falou agora a última palavra sobre algum conhecimento e ninguém pode mais dizer nada sobre aquilo, essa ciência não pode ser ciência. É uma falsa ciência. (CRUZ, 1949)

A problemática sobre a verdade quanto a sua natureza ‘móvel’ ou ‘imóvel’ é tratada pelos sofistas de forma diversa. Num primeiro momento parece que esses filósofos não estão muito preocupados quanto a busca de uma verdade que seja ‘objetiva’, ou seja, que parte do objeto estudado, mas sim uma verdade que é relativa e com um conotação subjetiva. Já para os sofistas a verdade é para o homem, pois emana dele. Eis aí um dos primeiros movimentos em que a filosofia se volta para a verdade que vem do homem e não dos objetos em si. É por esse motivo que os socráticos, em especial Sócrates e Platão, negam a busca da verdade dos sofistas.

A verdade para os sofistas é sempre uma verdade particular, dependente da situação a qual é aplicada. Essa característica denota sua diferença do pensamento de Platão, por exemplo, que afirma ter uma verdade absoluta, em forma de ideia universal.

Para melhor esse posicionamento de Platão ele aponta no Alegoria da caverna (livro V da *República*) a possibilidade de duas formas de conhecimentos (a sensível e a racional) destacando a importância do conhecimento racional para se chegar às verdades eternas e imutáveis. (VERNANT, 1996)

Para melhor entender a filosofia dos sofistas, é necessário visualizar, de forma breve, as suas principais características como grupo ou escola da filosofia clássica. Os sofistas são mestres da retórica com classes de alunos onde ensinavam o discurso e argumentações em praça pública. Esses professores não aceitavam qualquer aluno em suas turmas, mas somente aqueles eu podiam pagar por seus estudos. Em alguns casos eles cobravam o peso de seus alunos em ouro, devido a sua fama e ‘aplicabilidade’ de seus ensinamentos. Diferente de Platão e Aristóteles, eles andavam de cidade em cidade difundindo e ensinando (vendendo) suas ‘píulas’ de saber. (VERNANT, 1996)

Os Sofistas são os primeiros professores podendo ser comparados com os que se conhecem hoje. Eles são os primeiros professores e os primeiros filósofos do período socrático. Neste período se instala outra situação importante que diferenciam os pré-socráticos dos socráticos. Para os pré-socráticos, qual que é o objeto principal da filosofia? O mundo. E para o período socrático, qual que é o objeto principal da filosofia? É o homem. Há uma mudança de paradigma em relação à orientação do fazer ou busca filosófica. Não há mais a vontade de perguntar o que é o mundo, ou esse não é o assunto em foco. O que está no foco dos filósofos é o homem. Quem é o homem? (ROGUE, 2005)

No geral, Aristóteles não concorda com essa visão de que se deve abandonar o mundo e estudar somente o homem. É necessário conhecer a verdade sobre o homem mas também a verdade sobre natureza e o mundo. Diferentemente de Aristóteles, Platão nega a possibilidade de conhecer o mundo para defender a necessidade de conhecer a ideia de mundo, de homem e de todas as coisas e o próprio ser.

Se defrontando com a problemática do conhecer dos pré-socráticos, a saber, se o ser é móvel ou imóvel, Platão reconhece que o ser humano tem duas faculdades para conhecer a realidade. Uma faculdade sensível e outra intelectível. A faculdade sensível se depara com o mundo a partir dos cinco sentidos. O mundo para essa faculdade é móvel tendo em vista o movimento das coisas em si. Já a faculdade intelectível não percebe o mundo em si mas a ideia dele. Para Platão esse mundo sensível é o mundo das sombras. Tudo o que se possa aprender ‘olhando’ (sentindo) pra

sombra, enquanto valor de verdade, é aprendido nulo. Olhar pra sombra é olhar pra ilusão, para a inverdade, para a aparência.

A arte para esse filósofo é algo inaceitável como valor de verdade, da forma que é exposto hoje por algumas escola filosóficas. Por que? Imagine uma escultura, por que que Platão não gostava de escultura? Porque escultura, é a cópia da cópia. O ser humano aqui na terra é a copia da ideia de homem lá no mundo das ideias. Então, se o homem e da mulher que aqui está no mundo das sobras é imperfeito, imagina o quanto a cópia da cópia não seria algo perturbador. (ANTISERI; REALE, 1990)

A origem do termo sofista aqui também nos interessa. No início do século quinto antes de Cristo, o termo sofista passava a ser utilizado com o sentido de homem sábio sendo atribuído a poetas como Homero e Hesíodo e a musico e rapsodos, a deuses e mestres, aos setes sábios gregos, aos filósofos pré-socráticos e a figuras com poderes superiores como Prometeu. Pelo final do século quinto a.C, o termo sofista era aplicado a quem escrevia ou ensinava e que era visto como tendo uma especial capacidade ou reconhecimento ou conhecimento a transmitir. A filosofia era fundamentalmente pratica e sobretudo direcionada para a política e a arte. O que é filosofia prática? Tem como a filosofia ser pratica? A natureza da filosofia é reflexiva e se dá no âmbito da razão. Porém havia aqueles que aplicavam a filosofia para ensinar as pessoas a discursar e a ganhar uma disputa teórica, por exemplo na Ágora, local que se discutia as questões políticas da cidade. (DELEUZE; GUATTARI, 1993)

Neste contexto se explica melhor o fazer dos sofistas e a aplicação de sua filosofia. Eles não estavam preocupados em ensinar a verdade como fazia Platão. A preocupação deles era treinar os alunos para vencer o discurso na Ágora pois era neste local, a praça publica, onde se discutia política e o destino da cidade e dos cidadãos. É importante que saber que era esse espaço voltada para que o cidadão pudesse fazer o seu discurso e convencer os seus pares políticos.

A ágora existiu deste sempre? Não. Ela passou a existir após uma grande guerra que houve entre os gregos e os persas. Após o fim da guerra houve a reestruturação política do pais abrindo a possibilidade para novos espaços políticos. O responsável por essa reforma em Atenas foi um general chamado Péricles que possibilitou desenvolver em Atenas uma nova forma de governo sendo chamada de (uma espécie de) democracia, mesmo tendo características diferentes e grandes injustiças sociais. Foi nela que muitos povos se espelha até os dias atuais, pois lá já estava a essência do que chamamos hoje de democracia. (ANTISERI; REALE, 1990)

Na Ágora poderia participar todas as pessoas que tivessem as características do cidadão. Quem que era o cidadão em Atenas na Grécia? Somente os indivíduos do sexo masculino que pertenciam à classe economicamente dominante. Os demais habitantes da polis grega (mulheres, crianças, estrangeiros, mercadores e escravos) não eram cidadãos. Tinha que ser cidadão grego e esse cidadão não podia trabalhar com as mãos. Se ele tivesse necessidade de trabalhar com as mãos ele não era considerado cidadão. Então ele tinha que ter um sustento de tal forma que estivesse livre para se dedicar plenamente à política.

Para que esses cidadãos tivessem o preparo necessário de discutir na praça eles pagavam os sofistas para aprender a discursar e convencer os outros de sua ‘verdade’. Porque que era importante discursar na praça? O objetivo era a chegada ao poder. Os sofistas não ensinavam a verdade. Ensinavam a arte da persuasão e do discurso (retórica). Por isso aqui existe a questão de falácia. Para o sofista, a verdade de fato não existe, ele é uma mera convenção. E o aluno precisa aprender isso, para que quando alguém estivesse discutindo e afirmando suas verdades, o sofista poderia derrubar a argumentação a partir de determinadas técnicas que levavam em conta a o que se chama hoje de problemática da relativização da verdade. Os sofistas alegavam que podiam melhorar seus alunos e defendia que a virtude podia ser ensinada.

Os principais sofistas conhecidos são Protagoras, Gogias e Trasímaco. Esses sofistas, são conhecidos pois aparecem nas obras de Platão onde são retratados os diálogos de Sócrates com os sofistas. Os sofistas não eram bem vistos pela filosofia, ou pelo menos assim são retratados na história da filosofia, como aqueles que não se comprometeram com a verdade. Parte dessa má fama é graças aos escritos de Platão. Também graças aos escritos desse Filósofo e seu discípulos Aristóteles uma parte considerável de seus escritos foram conservados, pois a grande maioria dos originais se perdeu com o passar dos séculos.

Apesar da má fama que foi atribuído aos sofistas na sua época hoje tem-se uma visão diferente deles. O sofista prezava pelo desenvolvimento do espírito crítico. Na verdade, essa ideia de que os sofistas não eram filósofos comprometidos com a verdade foi uma bandeira defendida pelos socráticos. Porém, os pensadores contemporâneos veem nos sofistas algo de diferente. A partir deles alguns movimentos foram possíveis na filosofia. Pode-se destacar que eles possibilitaram a abertura da filosofia para todas as pessoas da polis, pois para os socráticos a filosofia era voltada apenas para poucos escolhidos. Por exemplo, pré-socráticos como Pitágoras cobrava de

seus alunos segredo sobre seus ensinamentos exigindo que tudo que era dito dentro da escola dele, não poderia ser dito fora dela.

Conclusão

Tratar do problema do conhecimento na filosofia antiga não é tarefa fácil pois suas diferentes escolas e sistemas apontam caminhos que por vezes são contraditórios. Porém cada um deles viu problemas diversos seja no método pelo qual foi utilizado para se conhecer algo, seja o próprio conhecimento construído mediante essa confrontação com o objeto de estudo, seja o próprio homem que conhece mediante suas limitações sensorial e /ou racional. Porém sem dúvida os primeiros filósofos deram grandes passos que fundamentaram a forma de conhecer do homem ocidental. Seus problemas ainda hoje fazem sentido e orientam o pensador nesta busca pela verdade.

Bibliografia

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**: introdução ao jogo e a suas regras. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade média. São Paulo: Paulus, 1990.

CHÂTELET, François. **Uma história da razão**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia dos pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

CRUZ, Costa. **Grandes Educadores**: Platão, Rousseau, D.Bosco. Claparède. Rio de Janeiro. Editora: Globo, 1949.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1993.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Notas de Etienne GILSON. Tradutor de Maria Ermantina de Almeida Prado GALVÃO. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 123 p.

FERRAZ JUNIR, Tercio Sampaio. **Estudos de filosofia do direito**: Reflexões sobre o poder, a liberdade, a justiça e o direito. 3.ed. São Pulo: Atlas , 2009,

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Manole, 2003.

JAEGER, W. **Paideia**. A formação do homem grego. São Paulo: Herder, s/d. Trad. de Artur M. Parreira

MONDIN, Battista. **Introdução à filosofia**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1980. 323 p.

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

ROGUE, Christophe. **Compreender Platão**. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2005.

VERNANT, Jean-Pierre. **As Origens do Pensamento Grego**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.